

Envolvimento dos Alunos na Escola: Para uma ecologia da biblioteca académica

Tatiana Sanches¹

*¹Instituto de Educação, Universidade de
Lisboa (Portugal)*

tsanches@fpie.ulisboa.pt

Resumo

O espaço da biblioteca é reconhecido como um ambiente propício ao estudo, e ainda que fora da sala de aula, contribui para o envolvimento dos alunos na escola. Este estudo desenvolve uma reflexão teórica a partir de dois eixos conceptuais: a psicologia do ambiente e o espaço biblioteca, no âmbito escolar. A psicologia do ambiente é uma área que estuda tudo o que envolve o ser humano. Refere-se ao espaço físico e aos estímulos que nele existem, tais como o som, a paisagem, ou o clima, estudando a forma como o ambiente influencia o indivíduo ou grupos de indivíduos e como o comportamento humano, individual ou social, influi no ambiente. No espaço da biblioteca pode refletir-se sobre uma organização pensada para o estudo e fruição, através da leitura. Os espaços das bibliotecas têm vindo a adaptar-se às circunstâncias dos sistemas educativos de que fazem parte. Eles são também espaços permeáveis e abertos, mutuamente influenciados e influenciadores da comunidade educativa onde se inserem. A articulação destas duas perspetivas é a base para a reflexão sobre o envolvimento do aluno na escola. Sendo as bibliotecas espaços que se inserem no seio de instituições educativas, contribuem para a compreensão do fenómeno educativo e dos vários processos que o constituem. Estes locais (dentro da escola, mas fora da aula) funcionam, num certo sentido, como âncoras de fixação dos estudantes no espaço escolar. As relações com o ensino e a aprendizagem, nomeadamente em termos do envolvimento dos alunos na escola, podem, em resultado da resposta dos estudantes às variáveis ambientais, e das

interações daí decorrentes, contribuir para se atingir o sucesso na aprendizagem e prevenir comportamentos negativos, como o abandono ou absentismo escolar.

Palavras-chave: Biblioteca Académica; Espaço; Psicologia do Ambiente; Psicologia da Educação; Envolvimento dos alunos na escola.

Abstract

The library space is looked upon as a favorable environment for studying. Even though it is external to the classroom, it contributes to students' engagement in school. This study develops a theoretical reflection based on two conceptual axes: environmental psychology and the library space, in the school context. Environmental psychology is a field which studies everything involving the human being. It refers to physical space and to the stimuli that exist in it, such as sound, landscape or climate, studying the way the environment influences individuals or groups of individuals, and how individual or social human behavior influences the environment. The library space allows a reflection about an organization designed for study and fruition, through reading. Library spaces have been gradually adapting to the circumstances of the educational systems that they are part of. They are also permeable and open spaces, being both influenced by and influencers of the educational community where they belong. The articulation of these two perspectives provides the basis for reflection about students' engagement in school. As libraries are spaces inserted within educational institutional, they contribute to the understanding of the educational phenomenon and of the different processes it consists of. In a way, these places (within the school, but outside the classroom) work like fixation anchors for students in the school space. As a result of students' responses to environmental variables and of the interactions involved, relationships with teaching and learning (namely in terms of students' engagement in school) may contribute to achieve at learning and prevent negative behavior, such as school abandonment or truancy.

Key words: Academic Library; Space; Environmental Psychology; Educational Psychology; Students' Engagement in School.

1. Introdução

O presente texto inscreve-se numa linha de investigação que articula educação e psicologia. A Psicologia da Educação procura explicitar variáveis cognitivas, motivacionais, socioculturais, individuais e coletivas, dentro da lógica escolar – aprendizagem / ensino. Aqui emergem questões que gravitam em torno do desenvolvimento, da avaliação, dos resultados, do sucesso ou insucesso, da autorregulação, da atenção e da motivação, por exemplo. As fontes teóricas da Psicologia da Educação, que se sustentam e recorrem a metodologias diversas, mas essencialmente experimentais, são elas próprias inspiração para compreender e fazer evoluir a perceção e intervenção sequente sobre o indivíduo em contexto educativo. Por isso, a psicologia da educação encontra-se numa área fundamental que toca a ação pedagógica e legitima alterações nas estratégias, em todo o ciclo de vida, já que a educação, e a aprendizagem em particular, vai para além do contexto formal, assumindo-se como uma corrente transversal ao longo da vida.

É útil perceber que, por exemplo, ao nível do ensino superior, o facto de muitas aulas não serem de frequência obrigatória influi na relação que os alunos desenvolvem com o espaço escolar. Estes outros locais que são as bibliotecas (dentro da escola, mas fora da aula) contribuem para a fixação dos estudantes no espaço universitário, cujas relações com o ensino, nomeadamente em termos do envolvimento dos alunos na escola, é particularmente afetada pela autonomia e responsabilidade concedidas. Este é apenas um exemplo de como podem ser estabelecidas articulações interessantes entre os temas em apreço. A biblioteca académica é portanto um espaço educativo que deve ser alvo de investigação, reflexão e ação, designadamente no que toca à compreensão do envolvimento dos alunos na escola. É este o propósito desta reflexão.

2. um olhar a Partir da psicologia do ambiente

A psicologia do ambiente é um domínio da Psicologia que se desenvolveu no final dos anos 50 e durante os anos 60, de uma forma mais sistemática nos Estados Unidos, e que se dedica ao estudo e intervenção no âmbito da interação entre meio envolvente e ser humano (Antunes, Bernardo, Palma-Oliveira, 2011, p. 190). Tem procurado, desde o seu surgimento, a explicação do comportamento humano face ao espaço

físico e aos estímulos que nele existem. Antunes, Bernardo e Palma-Oliveira (2011) explicam que a psicologia do ambiente surge essencialmente como uma resposta à “tentativa de criar ambientes ótimos para as atividades humanas; mas também pela destruição de diversas cidades europeias durante a segunda guerra mundial e a necessidade da sua reconstrução de modo funcional”, referindo a importância da interação social, da territorialidade humana e do espaço pessoal, bem como dos desenraizamentos causados pelos realojamentos impostos pelas migrações, como fatores importantes para se compreender a evolução desta disciplina. Os mesmos autores referem uma outra linha de investigação que se relaciona com a poluição, preservação de recursos, e sustentabilidade, estudando atitudes, preocupações e comportamentos ambientais.

A psicologia do ambiente analisa e interpreta o comportamento em contexto e as suas mútuas influências. De facto, o ambiente inclui todo o entorno natural e construído e é um sistema em delicado equilíbrio que a qualquer momento pode ser alterado ou mesmo destruído (Bell, Greene, Ficher, Baum, 2001, p. 2). Por isso estão aqui situados estudos que relacionam o som, a paisagem, a arquitetura ou o clima, por exemplo, e a forma como estes têm impacto nos indivíduos ou grupos de indivíduos. Situam-se ainda nesta disciplina as questões que analisam a maneira como ações e comportamentos humanos, de uma forma individual ou social, influem no ambiente – onde as pessoas vão, o que fazem com o seu tempo, como usam os recursos que têm disponíveis, como interagem com o mundo à sua volta. Stokols (1977, p. 22) refere ainda que os psicólogos ambientais agem a partir da assunção de que os fenómenos comportamentais neste âmbito participam de uma grande rede de acontecimentos, descrições e disciplinas, sublinhando a complexidade e interdisciplinaridade deste domínio do conhecimento. O mesmo autor sublinha a importância de se compreender a sua atuação a partir de aspetos intrapessoais do ser humano (processos fisiológicos e psicológicos) e dimensões ambientais (físicas, sociais, culturais, geográficas, entre outras).

A psicologia do ambiente utiliza como metodologia, essencialmente, três formas de investigação: métodos experimentais, métodos correlacionais e métodos descritivos (Bell, Greene, Ficher, Baum, 2001, p. 10; Klöckner, 2013). Em todos eles procura-se a validação de uma hipótese, quer pela observação, quer pela experimentação, quer através da comparação de realidades distintas. Bronfenbrenner (1979) desenvolveu uma teoria exatamente baseada nesta metodologia. Propôs uma explicação ecológica

para o desenvolvimento humano, explicando que a mudança de comportamento dos indivíduos se molda de acordo com o ambiente, que se organiza em círculos concêntricos de proximidade – afastamento. Muito sumariamente, Bronfenbrenner (1979) sugere que o ambiente e o indivíduo são mutuamente influenciáveis e influenciadores, desenvolvendo uma dinâmica de interação sucessiva, o que permite ao último o crescimento em aprendizagem. Para este artigo, é relevante considerar a investigação descritiva como metodologia, ainda que realizada com base na pesquisa não interferente, e em resultado da busca de literatura descritiva já validada e disponível.

No espaço da biblioteca pode refletir-se sobre uma organização pensada para o estudo e fruição, através da leitura. É importante perspetivar o envolvimento dos alunos na escola através da biblioteca, à luz do que propõem Barracho e Dias (2011, p. 386), isto é, “o ambiente é considerado como um quadro de vida, onde o espaço construído (uma escola, um escritório, um hospital, uma habitação), é uma expressão concreta ou específica do sistema social que exerce influência, quer sobre as nossas atividades, quer sobre as relações dos indivíduos com os seus semelhantes”.

Os espaços escolares são, pois, mais do que locais inócuos de visita assídua dos estudantes, ambientes que têm características para além do higiénico ou artístico, alcançando critérios que permitam “la actividade, la construcción, la heterogeneidade, la individualización y la socialización de los alumnos. En este enfoque pedagógico el profesor es un protagonista, pues debe saber crear las condiciones que permitan influir positivamente en sus alumnos mediante la modelación del entorno físico” (Olivos, 2010, p. 209). Os bibliotecários são igualmente protagonistas, sempre que possam intervir no desenho, aconselhamento e acompanhamento da definição dos espaços de bibliotecas, da implantação de mobiliário e na criação de ambientes propícios ao estudo e aprendizagem. Para tal deverão assegurar o cumprimento das condições preconizadas, por exemplo, por Gascuel (1987), Silva (1987), Brás (1998) ou Vidulli (1998). Aí se apresentam diversas propostas para a instalação e organização do espaço, ou para a escolha adequada de cadeiras e mesas e outro mobiliário de biblioteca, apontando exatamente para uma escolha baseada no uso efetivo que os leitores fazem dos espaços. Porém, não basta escolher o mobiliário e preparar o espaço. É necessário pensá-lo de uma forma integrada com a sua função, que no âmbito académico corresponde a uma função de aprendizagem. Por isso é importante trabalhar conjuntamente com os professores, que compreendem as necessidades

curriculares e pedagógicas dos estudantes. É aliás nesta linha que Harada & Yoshina (2010, p. 7) propõem um trabalho de parceria entre todos os intervenientes. As propostas vão muito para além do pensar sobre os espaços de aprendizagem, envolvendo sobretudo estratégias concertadas para o desenvolvimento de trabalho académico, que incluem o planeamento e avaliação das aprendizagens curriculares de uma forma articulada.

2.1 A biblioteca como espaço de estudo e trabalho à luz da psicologia do ambiente

No âmbito dos estudos sobre os espaços escolares (por exemplo, Silva, 2002; Marques, 2003; Buffa & Pinto, 2003, Burke & Grosvenor, 2008), é evidente uma leitura do espaço ligando a arquitetura dos lugares de aprendizagem a uma intencionalidade social, que nos transporta para ideias e valores como a democratização do ensino, a vigilância, a higiene, a economia ou o conforto, em prol da aprendizagem, ligando definitivamente projeto o arquitetónico e a moldura histórico-pedagógica que o enforma. No dizer de Marques (2003, p. 15), “O espaço escolar enuncia e reflete, para além da sua materialidade, determinados discursos. No desenrolar da prática educativa torna-se um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e de aprendizagem, uma forma silenciosa de ensino”. Nestes estudos emergem as pistas para a compreensão histórica dos momentos em que estes foram pensados, planeados e construídos. Burke & Grosvenor (2008, p. 172) apontam as novas características dos espaços de aprendizagem para o século XXI, referindo que se no passado as instalações para aprender incluíam a área do professor, o trabalho de grupo e a aprendizagem por projetos, por exemplo, o advento das tecnologias expandiu as possibilidades que incluem agora ensino à distância, pesquisas na internet, aprendizagem mobile, trabalho cooperativo e em rede, entre outros. Os autores explicam:

Emerging ideas that are influencing both policy and practice include ‘engagement’ (making the curriculum meaningful and motivating), ‘personalization’ (tailoring the curriculum to each learner), ‘connectivity’ (using and encouraging good social relationships), ‘authenticity’ (making the learning real), ‘technological enhancement’

(using technology in learning), 'lifelong learning' (focusing on learning at all ages), 'facilitation' (guiding or scaffolding learning), 'accountability' (meeting high standards), 'equity' (ensuring equal opportunity to learn), 'accessibility' (access to learning at any time), creativity (encouraging knowledge production) and 'investment' (learning as the key to economic prosperity).

Também Payne (2005) alude a esta mesma alteração de contextos de aprendizagem, em particular no ensino superior, sublinhando que as bibliotecas são influenciadas pelas suas instituições acolhedoras. Aí se verifica o aumento e diversificação de alunos, as mudanças na pedagogia e nos métodos de ensino, sentindo-se igualmente o impacto das tecnologias na sua forma de funcionamento, estruturação de espaços e serviços. A este propósito Levy (2005, p. 35) refere que o foco na atividade tem claramente implicações para o design dos espaços físicos e virtuais de aprendizagem. Acrescenta que é difícil levar a cabo uma pedagogia baseada em atividades, quando os espaços foram concebidos para um ensino centrado no professor. Por isso novos espaços de aprendizagem estão a ser concebidos de forma flexível, para integrarem necessidades físicas e virtuais neste âmbito. Matthews, Andrews & Adams (2011, p. 107) referem:

The impact of 'spaces' becomes more prominent as pedagogical practices in higher education start to move away from the traditional, teacher-centred approach to a more flexible, student-centred approach. As students' learning styles, aspirations and expectations evolve, it is clear that learning environments need to evolve with them.

Compreendendo a influência do espaço, concomitante com a sua função e intenção de utilização, o que é também apelidado de behavior setting (Bell, Greene, Ficher, Baum, 2001, p. 125), percebemos que para cada tipo de contexto, existe um modelo de comportamento adequado que corresponde ao comportamento esperado nesse tempo e espaço (Barracho e Dias, 2011). Não é o mesmo estar numa biblioteca e estar num campo de jogos, nem sequer será o mesmo estar numa sala de aula, apesar de todos estes espaços corresponderem a algum contexto de aprendizagem. O conceito de behavior setting assenta no pressuposto de que existe

uma interdependência entre certos padrões de comportamento e o meio físico em que estes ocorrem. Percebemos assim que o espaço, devido ao tipo de utilização que tem habitualmente, inscreve em si valores e representações, que acabam por funcionar como elementos normativos face aos comportamentos (Barracho e Dias, 2011). Portanto, quando olhamos para o lugar da biblioteca, em particular, da biblioteca académica, podemos antever uma caracterização global do espaço – estantes com livros, mesas e cadeiras para leitura e estudo, computadores para uso individual – e dos tipos de utilização habituais – a leitura, a pesquisa, a escrita, enfim, o trabalho intelectual.

Lembremos ainda a necessidade de compreender as múltiplas funções das bibliotecas, mesmo só referindo as funções do espaço: é que além dos espaços de estudo, as bibliotecas têm de lidar com as suas funções de guarda, armazenamento e preservação de documentos. Esta concomitância de objetivos funcionais pode em certos momentos colidir. Por exemplo, quando a documentação cresce desmesuradamente, obrigando a utilizar espaços de leitura para o aprovisionamento de livros; ou, em alternativa, quando as zonas de estudo são separadas das zonas de acesso aos materiais de leitura. De acordo com Bell, Greene, Ficher & Baum (2001, p. 251), para muitos estudantes esta separação de funções não é conveniente, implicando uma alteração nos hábitos de estudo, uma vez que o acesso à informação é fundamental para completar as tarefas escolares. Confirma-se, portanto, o que Barracho e Dias (2011, p. 397) referem: “Todo o espaço institucional ou organizacional é sempre um espaço standardizado que integra um certo número de elementos em termos de equipamentos, devendo o conjunto conferir grande estabilidade.” E acrescentam os autores que só se compreende efetivamente o espaço e a sua influência se for considerada uma outra dimensão, a de que “todo o espaço institucional é organizado porque é um espaço sob controlo, um espaço que obedece em cada caso a um certo número de regras de vigilância”.

Podemos então questionar: se o ambiente de biblioteca é controlado e vigiado, obedecendo a todo o tipo de regras (começando pela organização dos livros e a sua arrumação, passando pelos sistemas de funcionamento que a sustentam – regras de empréstimo, regras de descrição de documentos, regras de consulta de documentos, entre outras), então, porque se mantêm os alunos na biblioteca, já que sendo um espaço escolar, sujeito a regras omnipresentes, não é de frequência obrigatória, como a generalidade das aulas? Uma hipótese será sobretudo porque sendo um espaço extra letivo, ainda que escolar, permite conciliar a segurança pessoal do aluno

(assente exatamente nas regras e na previsibilidade do contexto) com a liberdade de escolha do seu percurso individual (escolha das leituras, do tempo de estudo, do lugar onde se senta, entre outros).

Olivos (2010, p. 221), percorrendo as propostas de outros autores, sugere que alguns espaços educativos são melhores que outros para certas atividades educativas. E referindo-se ao caso das bibliotecas em particular, menciona que uma biblioteca atrativa e bem apetrechada, provida de recantos especiais, aumenta nas crianças a disponibilidade de tempo para a leitura.

Finalmente, é importante aludir ao que se apelida de semântica do controlo. Este constructo agrega os conceitos que estão associados à apropriação do espaço, através de cinco mecanismos: controlo, previsibilidade, domínio, participação e definição de condições (Kaplan & Kaplan, 1982, p. 130-131). Em conjunto permitem a chamada ritualização na apropriação do espaço. Segundo Kaplan & Kaplan (1982), as estratégias de controlo sobre o espaço permitem contornar a incerteza, garantindo melhores condições de funcionamento cognitivo, principalmente quando não exista feedback imediato, necessário para a continuidade de uma certa forma de atuar. Nos espaços em que existe liberdade de atuação, estas instâncias protocolizam condições estratégicas que beneficiam os sujeitos, sobretudo para contrariar sentimentos de impotência, perigo, insegurança, em síntese, de falta de controlo sobre o entorno. Num estudo sobre o comportamento de estudantes universitários face aos espaços de bibliotecas, Regalado & Smale (2015, p. 903) revelaram algumas das circunstâncias que os estudantes testemunharam como sendo valorizadas para a apropriação desses espaços:

The students we met understood and could articulate an institutional and cultural expectation of the library as a place for scholarly work; many chose to study in a library for this reason. For them the library was a place to seek a transformative experience, a place where they not only could, but also, if the rules of behavior such as turning off cellphones and resisting conversation were followed, indeed must be students first and foremost. So important was the organizing effect of the library as place that for a few students who described themselves as studious and academically motivated, finding a “serious” library was imperative to creating an adequate space for study.

Estas ideias são interessantes para observarmos de seguida o conceito de envolvimento dos alunos na escola através da biblioteca.

3. Envolvimento dos alunos na Escola: de um lugar não letivo

O envolvimento na escola tem sido descrito, na literatura, por vários autores (Finn, 1993; Blumenfeld, et al., 2005; Veiga, 2012), como o resultado da interação dos estudantes em resposta às variáveis ambientais, sendo este aspeto fundamental para atingir resultados académicos positivos e benéficos para os estudantes e prevenir comportamentos negativos, como o abandono ou absentismo escolar (Blumenfeld, et al., 2005). O estudo do envolvimento dos alunos na escola é importante na medida em que é considerado preditor das aprendizagens, realização e rendimento académicos (Abreu, 2014), sendo por isso um fator decisivo na intervenção da psicologia da educação, nos seus múltiplos aspetos – prevenção do abandono escolar, orientação vocacional, promoção do sucesso escolar, entre outros. Esta dimensão, além de preditora do sucesso escolar, é indicadora de comportamento ajustado por parte dos alunos. Por isso, o envolvimento é tido como um processo que conduz a resultados académicos positivos e, numa perspetiva desenvolvimentista, tem impacto, de forma significativa, sobre o desenvolvimento psicossocial do aluno (Abreu, 2014). Na introdução ao livro *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas Internacionais da Psicologia e Educação*, Shui-fong Lam (Veiga, 2013) referia que o envolvimento é um constructo multidimensional que tem atraído, nos anos mais recentes, a atenção de investigadores em diversas áreas, precisamente pela sua abrangência. De facto, a partir deste conceito, as questões que envolvem a adaptação, auto-estima e auto-conceito, avaliação e sucesso escolar podem ser melhor compreendidas. Na mesma obra, Magalhães refere: “O envolvimento reemerge como questão interdisciplinar e desafio tão actual quanto exigente, que carece de uma solução pedagógica integrada.” (Veiga, 2013: 69). É este o mote que nos permite enquadrar uma proposta de investigação interdisciplinar centrada nas questões das bibliotecas. E é exatamente a partir desta premissa que procuramos, no presente artigo, descrever e explicar o contexto espacial que a biblioteca académica proporciona.

Nos Estados Unidos, o Nacional Research Council (2004) debruçou-se sobre a importância do contexto para uma compreensão mais abrangente do envolvimento

dos alunos na escola, sublinhando que existem já evidências empíricas substanciais que mostram como as condições educativas promovem o envolvimento intelectual. Explica este organismo (Nacional Research Council, 2004) que existem três conjuntos de variáveis psicológicas que intervêm contextualmente para o envolvimento dos alunos na escola – crenças sobre competência e controlo; valores e objetivos; e um sentido de conexão social. E estas variáveis são encontradas em programas de aprendizagem bem-sucedidos, ainda que fora da escola. De facto, as perceções de competência e domínio determinam o esforço e compromisso que cada estudante vai realizar com o objetivo de aprender. Se o estudante não acredita que tem a capacidade ou as competências adequadas para ser bem-sucedido, ele não se vai comprometer e envolver na tarefa de aprendizagem. Os efeitos da perceção de incompetência são o que leva alguns estudantes a desistir de determinado curso ou programa de estudos. Por outro lado, em termos de valores e objetivos, estes também são importantes para compreender as motivações dos estudantes relativamente à aprendizagem. Os estudantes podem ter o objetivo intrínseco de aprender, porque gostam, podem ter o objetivo de terminar os estudos e obter mais tarde um bom emprego, ou podem apenas estar a cumprir um desejo dos seus pais. O tipo de objetivos e os valores que lhes estão subjacentes têm igualmente impacto no envolvimento dos alunos na escola. Finalmente, a conexão social é o que atribui o sentido de pertença. Este sentido de pertença é uma construção social na qual a identidade coletiva ganha relevo, sendo que aqueles estudantes, que não se sentem respeitados ou estão socialmente isolados, não se ligam à escola e muitas vezes acabam por desistir. Com estes dados, que conjugam as variáveis determinantes do envolvimento dos alunos na escola, podemos, como propõem o Nacional Research Council (2004) procurar atuar a três níveis: promover a perceção positiva de competência e domínio; promover valores e objetivos académicos, apostando no desenvolvimento do pensamento complexo; e promover a participação ativa, através de atividades colaborativas e com significado. As atividades que os alunos desenvolvem e que propiciam motivação, desencadeando o envolvimento em prol da aprendizagem, não ocorrem apenas dentro da sala de aula, nem apenas no ambiente escolar.

As questões sobre o papel que a biblioteca pode ter no envolvimento dos alunos na escola não são originais, ainda que tenham sido colocadas de outros ângulos. Massengale, Piotrowski & Savage (2016), por exemplo, procuraram identificar e articular as bibliotecas com o sucesso académico dos estudantes. Embora os

resultados não sejam conclusivos quanto a uma relação causa-efeito, os resultados iniciais do estudo revelaram que as médias académicas são ligeiramente superiores nos estudantes frequentadores de bibliotecas.

Kenney (2015, p. 390) referia, num estudo sobre o papel das bibliotecários na ligação à comunidade académica, com base numa revisão sistemática da literatura – que os bibliotecários deverão ir para além das ligações à comunidade, para passar ao envolvimento. E questionava:

Can library liaisons play a key role in revitalizing human-to-human interactions by engaging individuals collectively in problem solving, creativity, and the production of new knowledge and awareness?
Can the library become the center for engagement on campus, with liaisons providing critical human support and analysis that cuts across technology, disciplines, hierarchies, social norms, and institutional and cultural contexts?

A autora (Kenney, 2015) concluiu o foco deverá ser sobretudo nos processos mais do que nas funções, sobretudo nos processos que levam os alunos à aprendizagem, referindo finalmente que as ligações dos alunos à biblioteca irão confirmar que esta é não só o local onde se dirigem quando não sabem, mas, sobretudo, aquele onde se envolvem uns com os outros.

Taylor (2013), no seu estudo, aprofunda o papel potencial da biblioteca académica como colaboradora direta ou indireta no envolvimento dos alunos na escola. Através destes conceitos e da análise das suas variáveis, observa os fatores que influenciam o sucesso do estudante: quando um aluno se envolve com as oportunidades sociais e académicas proporcionadas pela instituição, a persistência é afetada positivamente. Sublinha que o uso de recursos físicos e informativos da biblioteca tem efeito no envolvimento dos alunos, reforçando teorizações anteriores, em que se afirmava que o envolvimento ocorre quando o esforço do estudante está conectado com um ambiente propiciador de oportunidades académicas eficazes (e onde os alunos são desafiados com altos níveis de leitura e escrita e tarefas cognitivas complexas). Os resultados deste estudo aprofundado sustentam a ideia de que a biblioteca desempenha um papel importante na provisão de recursos que facilitam o envolvimento académico.

4. A biblioteca como ecologia de aprendizagem autonoma e propiciadora do envolvimento dos alunos na escola

A aprendizagem acontece num complexo situacional que envolve a sala de aula, mas que se expande para toda a escola. As bibliotecas académicas, como locais imersos nesse ambiente, fazem parte de uma possibilidade de resposta aos desafios que os alunos enfrentam. Os alunos, desafiados, procuram soluções através dos múltiplos meios de que dispõem: os próprios professores na sala de aula, pesquisas, seminários, conversas, associativismo, atividades culturais e, entre outros, bibliotecas. São as interações daqui resultantes que propiciam o envolvimento académico e consequentemente o desenvolvimento pessoal – em conhecimento, em poder, em informação, em responsabilidade e em aprendizagem reflexiva. As bibliotecas contribuem para a aprendizagem e o sucesso académico dos estudantes, não só enquanto espaços físicos, mas sobretudo pelo que proporcionam em termos de socialização e de aprendizagem, pela disponibilização de recursos de informação e pela ação pedagógica em torno destes recursos. Por exemplo, um contributo importante **é a formação em competências de pesquisa e uso da informação, também chamada de formação em literacia da informação**. Amante (2007) refere que existe um impacto positivo, observável pelos docentes, no trabalho académico desenvolvido pelos estudantes após este tipo de formação em contexto de biblioteca, revelando maior capacitação para diversas tarefas implicadas na realização de trabalhos académicos. Este é um dos resultados esperados nos percursos de aprendizagem que a universidade propicia. As bibliotecas, ao gerarem e gerirem fluxos de informação, numa interação constante com a comunidade académica, estarão a corresponder igualmente a esta necessidade de envolvimento que o aluno tem.

Hunter (2006, 61-81), apontava algumas tendências de futuro, que são já hoje uma realidade, e que se podem resumir em: mudanças tecnológicas que implicam espaços flexíveis que as acomodem; necessidade de uso de redes sem fios para a utilização ilimitada de tecnologias móveis; necessidade de fornecimento de energia elétrica para aparelhos móveis; necessidade de implantação das bibliotecas em espaços virtuais e domínio de tecnologias open access; design e planificação de bibliotecas e espaços de aprendizagem pensados de forma a refletir a aprendizagem centrada no estudante, colaborativa e de grupo. Também Khoo, Rozaklis, Hall &

Kusunoki (2016) destacam a importância de se pensar os espaços das bibliotecas para além dos locais físicos, já que o impacto das tecnologias na forma de trabalhar em meio académico é determinante para a aprendizagem.

Importa ainda destacar que existem diversos aspectos associados ao sucesso de uma instituição escolar, de ensino básico, secundário ou de ensino superior. Para que exista uma aprendizagem efectiva não basta criar o espaço físico propício à permanência dos alunos. É necessário algo mais. Hunley & Schaller (2009) propõem uma abordagem centrada nas conexões entre o espaço de aprendizagem e **métodos pedagógicos, inspirada em programas de ensino**. Isto é, associada a espaços e baseada nas características de sucesso aí observadas. Para estes e outros autores, a cultura do campus, o clima social e o ambiente influenciam a eficácia dos espaços de aprendizagem (Hunley & Schaller, 2009, 26-34):

We have also found that learning spaces can encourage or constrain behavior. Students and faculty engage in a full range of learning behaviors (1) when environments are constructed to optimize interaction between faculty and students inside and outside of the classroom or course time; (2) when there is an engagement with course material both through class preparation, on the part of faculty and students, and through active learning inside class; and (3) when the atmosphere encourages students and faculty to behave as if “serious work” is taking place.

Mais recentemente, May & Swabey (2015), num estudo longitudinal, debruçaram-se sobre a forma como as bibliotecas são usadas e que papel estes espaços desempenham no campus. Dados anteriores (Turner, Welch & Reynolds, 2013; Browndorf, 2014) **já apontavam para um esforço por parte das administrações no ensino superior, no sentido do investimento em configurações espaciais centradas no estudante**, procurando espelhar opções administrativas e estratégias pedagógicas com este foco. O sucesso destes espaços modernos no apoio à aprendizagem deriva da sua funcionalidade, integrando tecnologias, espaços para trabalho de grupo, laboratórios de criação e outros espaços flexíveis para além das zonas de leitura e estudo. Não obstante, os autores (May & Swabey, 2015) desenvolveram uma análise a cinco bibliotecas universitárias canadianas. Partindo de diversos tópicos de análise (como o uso de tecnologia, materiais impressos, interação com os serviços

de atendimento, o lugar para estudar sozinho e o ter um lugar favorito, entre outros), os autores mostram como diferentes tipos de biblioteca académica (de escolas superiores, institutos ou universidades) têm características comuns e proporcionam idênticas reações e comportamentos nos seus estudantes. Uma das conclusões é que o design e a taxa de utilização dos espaços afetam a forma como os estudantes avaliam as atividades e serviços oferecidos pelas bibliotecas. Por exemplo, uma biblioteca com uma alta frequência de utilização não é sentida como um bom local para o estudo individual, pois não proporciona o silêncio e tranquilidade necessários a esta atividade. Assim, no dizer dos autores (May & Swabey, 2015, p. 789), quando os estudantes escolhem um local para desenvolver as suas atividades académicas, **é** ao mesmo tempo um local que liga a informação à experiência social de aprendizagem. Concluem assim, na esteira do que já outros autores tinham afirmado (Matthews, Andrews & Adams, 2011), que a aprendizagem em locais de socialização - dentro do campus ou da escola, mas fora da aula - mais do que locais de estudo, catalisam interações entre estudantes e promovem o sentimento de pertença à comunidade, sentimento este que é também condição necessária ao envolvimento. Com estes dados é possível pensar em espaços distintos para diferentes funções – áreas silenciosas para estudo e áreas mais abertas e permissivas ao ruído.

Igualmente, Khoo, Rozaklis, Hall & Kusunoki (2016) mostram que o espaço é algo construído e apropriado percetual, cognitiva e culturalmente, havendo portanto influências notórias nas escolhas que os estudantes fazem para utilização das bibliotecas, de acordo com fatores como a luminosidade, o ruído, a taxa de ocupação, a temperatura, o facto de ser um trabalho de grupo ou individual o que se pretende realizar. Todos afetam física e cognitivamente os estudantes, levando-os a tomar determinadas opções ou preferências, ancoradas nas suas perceções sobre o território em que se encontram.

5. Discussão e conclusões

Na primeira parte deste artigo a tónica foi colocada na compreensão da psicologia do ambiente e como este campo científico nos pode ajudar a esclarecer e compreender o impacto do espaço, concretamente do espaço de biblioteca, na aprendizagem.

A segunda parte descreveu um olhar sobre o envolvimento dos alunos na escola e as suas implicações, tendo como mote o papel da biblioteca académica. Procurou

explicar-se como é que o lugar biblioteca contribui para tal e que impactos e implicações poderá ter no sucesso académico.

A revisão sistemática da literatura efetuada neste estudo procurou assim contribuir para um campo ainda incipiente que faz convergir a Psicologia da Educação, a Psicologia do Ambiente e área das Bibliotecas. Sobretudo procurou ser um tributo de suporte à investigação experimental que possa surgir para aferição, em diversas frentes, do envolvimento dos alunos na escola, particularmente no seio das suas bibliotecas. Ficou demonstrado, creio, o interesse desta problemática para a compreensão mais aprofundada do comportamento dos alunos, no que toca às práticas de estudo e pesquisa, e como este pode influir no seu sucesso académico.

Observou-se que os espaços das bibliotecas são mais que territórios físicos de estudo. São locais de socialização e de aprendizagem e meios para o desenvolvimento pessoal e intelectual, contribuindo para a persistência dos alunos, para o seu envolvimento com a escola e, em última análise, para o seu sucesso académico. Não podemos ignorar o que destacam Hess, Greer, Lombardo & Lim (2015):

For library use to be positively associated with student persistence and success, students need to gain an understanding of the library, the research process, and the resources and services available to them.

Isto significa que para uma efetiva apropriação dos espaços das bibliotecas, os estudantes têm de os saber utilizar, compreender e atribuir-lhes um significado compatível com as suas expectativas. Tal poderá ser conseguido através da frequência das ações que muitas bibliotecas já desenvolvem e oferecem e que passam por vários tipos de formação dos estudantes na utilização dos seus recursos. Visitas de estudo ao espaço, pesquisa de recursos assistida, serviço de referência, workshops ou pequenos cursos para que saibam como pesquisar, avaliar, trabalhar e apresentar a informação de uma forma ética (formação em literacia de informação) ou outras ações, promovem o uso efetivo e consistente da biblioteca.

Já noutro estudo exploratório (Kuh & Gonyea, 2015) se concluía que as experiências em bibliotecas que têm impacto para os estudantes universitários, e que portanto contribuem para o seu envolvimento na escola, são exatamente as experiências com significado e propósito ao nível educacional e que os estudantes que mais frequentemente usam a biblioteca, são os que mais refletem uma ética de trabalho

académico e se envolvem em tarefas academicamente desafiantes (que requerem pensamento crítico elaborado). Concluem que mais importante que pequenas ações dirigidas aos estudantes, o que de facto tem impacto é a natureza e amplitude das experiências do estudante durante um período prolongado. Também por isso as bibliotecas deverão continuar a aprofundar as oportunidades de colaboração com os docentes, bem como a avaliar os seus serviços, nomeadamente através da auscultação dos seus utilizadores, fortalecendo características que lhes permitem ajudar os estudantes a ter sucesso académico, de forma sistemática e continuada.

Conclui-se, pela revisão sistemática da literatura, que o ambiente de estudo e as condições do espaço influem definitivamente na apropriação que é feita pelos utilizadores da biblioteca e logo, no envolvimento dos alunos na escola. Estas conclusões reforçam resultados da investigação muito recente, efetuada nos Estados Unidos, através da ACRL (2016) - Association of College and Research Libraries. O projeto onde estes resultados se enquadram intitula-se *Assessment in Action: Academic Libraries and Student Success*. Este trabalho, que reúne projetos de avaliação realizados em diferentes tipos de instituição de terceiro ciclo, demonstra a contribuição positiva das bibliotecas académicas para o sucesso dos estudantes. A investigação chegou a quatro principais conclusões: 1. Os estudantes que beneficiam de formação inicial da biblioteca (em literacia de informação) revelam melhor desempenho nos seus cursos que os alunos que não o fazem; 2. A utilização da biblioteca aumenta o sucesso do aluno (resultados positivos por exemplo, nas notas dos cursos, persistência e conclusão da formação académica); 3. Os programas e serviços institucionais cuja colaboração envolve a biblioteca melhoraram a aprendizagem dos alunos. 4. A alfabetização em informação reforça os resultados da educação e formação em geral. Adicionalmente, os resultados da avaliação demonstrados por este projeto fazem antever conexões positivas entre serviços e recursos da biblioteca e aprendizagem dos alunos e sucesso, nomeadamente referindo-se que a retenção dos alunos melhora com a formação de biblioteca; os serviços de apoio à pesquisa na biblioteca aumentam a aprendizagem dos alunos; a formação da biblioteca agrega valor à experiência académica de longo prazo de um estudante; a biblioteca promove o relacionamento académico e o envolvimento do aluno; a utilização de espaço da biblioteca relaciona-se positivamente com a aprendizagem dos alunos e o sucesso académico.

Nesta sequência, sugere-se, adicionalmente, a realização de estudos semelhantes para a realidade portuguesa, que procurem verificar, no terreno, como são os comportamentos dos alunos portugueses face aos espaços das bibliotecas, permitindo uma atuação mais situada e consequente dos profissionais das áreas do ensino, das bibliotecas e da psicologia da educação.

Referências

- Abreu, S. A. G.** (2014). *Fatores sociofamiliares do envolvimento dos alunos na escola: um estudo com alunos adolescentes* (Tese de mestrado). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- ACRL (2016).** *Documented Library Contributions to Student Learning and Success: Building Evidence with Team-Based Assessment in Action Campus Projects*. Report prepared by Karen Brown with contributions by Kara J. Malenfant. Chicago: Association of College and Research Libraries.
- Amante, M. J.** (2007). Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã. In *Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, 9, Açores, 2007. Informação para a Cidadania, o Desenvolvimento e a Inovação: actas. Lisboa: BAD, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/346>
- Antunes, D., Bernardo, F., Palma-Oliveira, J.M.** (2011) Psicologia do ambiente. In: M.P. Lopes; P.J. Palma; R. Bártolo-Ribeiro, Cunha, M.P. (Coord.) *Psicologia Aplicada*. Lisboa: Editora RH. (pp. 189-210).
- Barracho, C., Dias, M. J. D.** (2011) Da psicologia do ambiente à psicologia do espaço: conceitos e aplicações. In: M.P. Lopes; P.J. Palma; R. Bártolo-Ribeiro, Cunha, M.P. (Coord.) *Psicologia Aplicada* (pp. 383-402). Lisboa: Editora RH.
- Bell, P. A., Greene, T. C., Fisher, J. D., Baum, A.** (2001). *Environmental psychology*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Blumenfeld, P., Modell, J., Bartko, W. T. W. G., Fredricks, J.A., Friedel, J. A & Paris, A.** (2005). School Engagement of Inner-City Students during Middle Childhood. In C.R. Cooper, C.T Garcia Coll, W. T. & H. M. Davis (eds.). *Development Pathways through Middle Childhood: rethinking contexts and diversity as resources* (pp. 145 -170). London: Psychology Press.
- Brás, M. H. B.** (1998). *Bibliotecas escolares: instalações e organização do espaço*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Avaliação, Prospectiva e Planeamento.
- Bronfenbrenner, U.** (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, Mass: Harvard University.

- Browndorf, M.** (2014). Student Library Ownership and Building the Communicative Commons. *Journal of Library Administration*, 54(2), 77-93. doi:10.1080/01930826.2014.903364
- Buffa, E., & Pinto, G. A.** (2002). *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1983-1971*. São Carlos: Brasília: INEP. EdUFSCar
- Burke, C., & Grosvenor, I.** (2008). *School*. London: Reaktion Books.
- Finn, J. D.** (1993). *School engagement and students at risk*. Washington, DC: National Center of Education Statistics.
- Gascuel, J.** (1987). *Um espaço para o livro*. Lisboa: Dom Quixote.
- Harada, V. H. & Yoshina, J. M.** (2010). *Assessing for learning: librarians and teachers as partners*. Santa Barbara, CA: Librarians Unltd.
- Hess, A. N., Greer, K., Lombardo, S. V., & Lim, A.** (2015). Books, Bytes, and Buildings: The Academic Library's Unique Role in Improving Student Success. *Journal of Library Administration*, 55(8), 622-638. doi:10.1080/01930826.2015.1085241
- Kaplan, S., & Kaplan, R.** (1982). *Cognition and environment: functioning in an uncertain world*. New York: Praeger.
- Kenney, A. R.** (2015). From engaging liaison librarians to engaging communities. *College & Research Libraries*, 76(3), 386-391. doi:10.5860/crl.76.3.386
- Klöckner, C. A.** (2013). A comprehensive model of the psychology of environmental behaviour — A meta-analysis. *Global Environmental Change*, 23, p. 1028-1038. doi:10.1016/j.gloenvcha.2013.05.014
- Khoo, M. J., Rozaklis, L., Hall, C., & Kusunoki, D.** (2016). "A Really Nice Spot": Evaluating Place, Space, and Technology in Academic Libraries. *College & Research Libraries*, 77(1), 51-70. doi:10.5860/crl.77.1.51
- Kuh, G. D., & Gonyea, R. M.** (2015). The Role of the Academic Library in Promoting Student Engagement in Learning. *College & Research Libraries*, 76(3), 359-385. doi:10.5860/crl.76.3.359
- Levy, P.** (2005). Pedagogy in a changing environment. In P. Levy; S. Roberts (Eds.). *Developing the new learning environment: the changing role of the academic librarian* (pp. 24-48). London: Facet.
- Marques, F. M.** (2003). *Os liceus do Estado Novo: arquitetura, currículo e poder*. Lisboa: Educa.
- Matthews, K. E., Andrews, V., & Adams, P.** (2011). Social learning spaces and student engagement. *Higher Education Research & Development*, 30(2), 105-120. doi:10.1080/07294360.2010.512629

- National Research Council (2004).** *Engaging schools: fostering high school students' motivation to learn*. Washington: The National Academies Press.
- Olivos, P.** (2010). Ambientes escolares. In J. I. Aragonés; M. Américo. *Psicología ambiental* (pp.205-224). Madrid: Pirámide.
- Payne, P.** (2005). A kaleidoscope of change: how library management can support the development of new learning environments. In P. Levy; S. Roberts (Eds.). *Developing the new learning environment: the changing role of the academic librarian*, pp. 200-219. London: Facet.
- Regalado, M., & Smale, M. A.** (2015). "I Am More Productive in the Library Because It's Quiet": Commuter Students in the College Library. *College & Research Libraries*, 76(7), 899-913. doi:10.5860/crl.76.7.899
- Silva, C. M.** (2002). *Escolas belas ou espaços são? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa (1860-1920)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, V.** (1987). *Como fazer o programa para a construção de uma biblioteca Pública Municipal*. Lisboa: Instituto Português do Livro e da Leitura.
- Stokols, D.** (1977). *Perspectives on environment and behavior: therapy, research, and applications*. New York and London: Plenum Press.
- Taylor, M. A.** (2013). *Academic Library Use and Undergraduate Engagement and Persistence*. (Tese de doutoramento). The University of Texas: Austin.
- Turner, A., Welch, B., & Reynolds, S.** (2013). Learning Spaces in Academic Libraries – A Review of the Evolving Trends. *Australian Academic & Research Libraries*, 44(4), 226-234. doi:10.1080/00048623.2013.857383
- Veiga, F.** (2012). International Journal of Developmental and Educational Psychology. *Envolvimento dos alunos na escola: Elaboração de uma nova escala de avaliação*. *Revista de Psicologia*, 1 (1), p. 441-449.
- Veiga, F.** (Coord.) (2013). *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas Internacionais da Psicologia e Educação = Students' Engagement in School: International Perspectives of Psychology and Education*. Retirado de http://www.ie.ulisboa.pt/portal/page?_pageid=406,1854963&_dad=portal&_schema=PORTAL
- Vidulli, P.** (1998). *Diseño de bibliotecas: guía para planificar y proyectar bibliotecas públicas*. Gijón : TREA.